

## A falência do Banco Popular Português é um sinal da imoralidade desta época

A falência do Banco Popular Português é um sintoma dos tempos. Não se trata, como parece, duma simples falência, como antes da guerra se dava algumas vezes, por "honrados" financeiros terem sido infelizes no negócio bancário. Trata-se da consequência desastrosa das especulações imorais e repugnantes em que os capitalistas se lançaram depois da guerra.

Durante alguns anos as circunstâncias produzidas pelo abalo da conflagração europeia foram favoráveis a esses torpes maneios e a essas audaciosas especulações. Agora veio o reverso da medalha, a situação económica não continuou a agravar-se suficientemente para dar pasto aos abutres que se nutriam da miséria do país.

A falência do Banco Popular Português significa o desabar duma situação financeira puramente fictícia criada pela gente de dinheiro. Desde que a escassez de produção começou a diminuir e o câmbio a querer traduzir as realidades económicas do país, isto é, desde que o ambiente favorável à especulação principiou a dissipar-se, os bancos e certas empresas comerciais criadas propositalmente para viver nessa ambiência, como os porcos no chiqueiro, tremeram nos seus frágeis alicerces. Inúmeras têm sido as casas comerciais que têm aberto falência. Acabou-se a certeza de que os produtos valem no dia seguinte mais do que no acto da compra; terminou a certeza de ganhar. E todas as empresas de exiguos capitais, ou seja todas as firmas que afilaram só para ganhar e sem capacidade de suportar um revés, foram abalo — e continuaram a cair.

O Banco Popular Português foi dos que se formaram só para ganhar. Sem capitais que lhe garantissem uma vida comercialmente correcta lançou mão da burla, a mais reles, a mais baixa, inventando lucros que não tinha, distribuindo dividendos fictícios, valorizando conforme lhe apetecia fundos que não deixavam por isso de ter um real valor diminuído. E, assim, enquanto pôde iludir foi sugando o dinheiro aos seus clientes, alguns deles que não pensavam sequer que estavam deitando para um saco sem fundo o fruto de alguns anos de trabalho.

Sabemos de criaturas que, estando a trabalhar em África, a esse Banco confiaram o produto do seu trabalho, das suas canceiras. Hoje estão arruinadas — ou melhor estão roubadas por esses banqueiros que tendo a consciência, a certeza de que o Banco estava falido e, portanto, incapaz de restituir o que lhe confiavam, continuavam, entretanto, a intrujar tranquilamente o público.

Estamos em presença dum crime estúpido, cheio de cinismo, premeditado, fcomprovado pelo esmagador relatório da Inspeção Geral das Finanças. E, entretanto, os jornais que pediram com tanta insistência a deportação de indivíduos por suspeita, estão agora defendendo, como copiosa soma de argumentos de aspecto pseudo-jurídico, os "honrados" banqueiros que roubaram e arruinaram tanta gente!

## A guerra de Marrocos

### O embarque de tropas espanholas

MADRID, 3. — Continua com grande actividade o embarque de tropas espanholas para Marrocos, a fim de reforçar a guarnição de modo a permitir o desenvolvimento das operações ofensivas conjugadas com as tropas francesas.

### Abd-el-Krim quer a independência do Rif

PARIS, 5. — "Le Matin" publica o relato da visita do seu correspondente em Marrocos ao quartel general de Abd-el-Krim. Partindo de Tanger, o jornalista atravessou as linhas espanholas e foi conduzido a Tazout, onde o ministro e irmão de Abd-el-Krim lhe declarou que o chefe rifenho exige a independência e a rectificação das fronteiras do Rif.

### Uma ligeira lizepa

RABAT, 3. — Dois grupos ligeiros, secundados pela melilla cherifiana, limpam o massiço de Aresgou, ao norte de Tamerzout.

### O comando francês

PARIS, 3. — O conselho de ministros aprovou a deliberação do sr. Painlevé, criando o comando único das operações militares em Marrocos, sob a alta direcção dos marechais Petain e Lyautey.

## O sr. Heliodoro de Castro, do Partido Nacional Africano, entrevistado pela "Batalha" confirma a existência da escravatura nas colónias portuguesas

O problema das colónias, sob o ponto de vista de protecção aos indígenas, tem sido agora muito discutido na imprensa conservadora. Toda ela é unânime em declarar que Portugal é duma generosidade tocante para com os negros.

Há dias, a propósito da partida dos delegados portugueses para o Congresso da Liga Internacional de Defesa dos Indígenas, que se realiza em Genebra, publicou o "Século" uma entrevista que refutamos, como os leitores devem estar lembrados. O entrevistado era o sr. Miguel Machado, membro do Partido Nacional Africano e delegado do referido Congresso. Por isso as suas declarações assumiam um carácter de maior gravidade.

Porém, nem toda a gente pensa como o sr. Miguel Machado, no Partido Nacional Africano. O sr. Heliodoro de Castro, por exemplo, com quem ontem trocámos interessantes impressões, é de opinião diferente. Secretário de relações internas do P. N. A., Heliodoro de Castro está em contacto quasi permanente com as organizações de África; possuindo, portanto, um interessante e valioso dossier de factos e acontecimentos que confirmam e reforçam as afirmações de "A Batalha" sobre a escravatura nas colónias portuguesas.

O Partido Nacional Africano — disse-nos Heliodoro de Castro — pelo Pacto de Aliança e Amizade, de 21 de Março de 1921, assinado pelos representantes dos organismos de negros que o constituíram, reconhece a existência da escravatura nas colónias portuguesas.

— E essa escravatura...

— É a razão primordial da decadência fisiológica e moral da raça negra nas referidas colónias. Estas declarações perentórias, firmes, do nosso entrevistado animaram-nos a interrogá-lo.

— Mas há quem afirme que os processos bárbaros vão sendo abolidos em África. É verdade?

## Notas & Comentários

### Transigindo...

Nas Novidades safu ontem uma resposta, ao nosso jornal, redigida nos seguintes termos:

"Querida A Batalha que nós tivéssemos tido palavras de reprobção para as baixas por ela atribuída a certo sacerdote.

As baixas são sempre condenáveis. Nós, porém, andamos tão habituados a ler calúnias contra membros do Clero que não nos basta ler as acusações para soltar o nosso brado de reprobção.

Havemos mister de ouvir também a defesa que assim no-lo exigem as normas elementares da justiça.

Não é esta também a norma de A Batalha?"

Custou às Novidades o reconhecimento desta grande verdade comprovada por milhares de exemplos: há padres, muitos padres, que praticam actos bastante abomináveis e anti-sociais. Transigir com esta verdade implica, por parte dos encarregados de defender os dogmas católicos, um esforço homérico e uma condenação forçada. O procedimento de muitos padres é que obriga as Novidades a terem toda a cautela para que a defesa da sua absurda tese não possa haver dignidade, nem moral fora da educação religiosa não seja comprometida pelos desaforos cometidos pelos ministros dum Deus extravagante e bárbaro.

### Brincadeira de mau gosto

Um amigo nosso, com a natural indignação que o caso provoca, veio referir o seguinte: O chefe da estação do caminho de ferro de Cascais, parece que no propósito de proporcionar aos empregados um divertimento espectacular, manda conservar junto das carruagens do comboio que todas as manhãs dái sair com destino a Lisboa algumas carruagens que não fazem parte do comboio que segue. Sucede que alguns passageiros, supondo tratar-se das carruagens pertencentes ao comboio instalam-se nelas, ficando em terra porque o comboio parte deixando-os ali. Esta inconveniente brincadeira tem dado motivo a vários protestos dos lesados que não podem comparecer nos respectivos empregos. Ontem ficaram em terra 15 passageiros que junto ao chefe da estação apresentaram os seus protestos. Este ripostou-lhe que na cauda do comboio existe um disco vermelho como prevenção. Como o público não é obrigado a conhecer esse sinal, que na maioria das vezes está tapado pelas outras carruagens, não seria mais inteligente que quem superintende nos serviços ferroviários de Cascais fizesse desviar para outra linha as carruagens que não formam o comboio?

Além de inteligente esta medida não causaria os transtornos que o nosso amigo nos fez sentir.

### Roberto Nobre

O nosso presado amigo e colaborador artístico Roberto Nobre, que tanto brilho tem dado à Batalha, suplemento semanal e à Renovação com os seus desenhos modernos, cheios de espírito e de originalidade, ganhou o primeiro prémio do concurso de desenhos aberto há dias pelo Bristol Club. Alguns amigos ofereceram-lhe esta noite, no mesmo clube, uma ceia de confraternização, querendo testemunhar por esse modo o alto apreço em que têm as qualidades artísticas daquele nosso estimado colaborador.

### A crise de trabalho em Inglaterra

LONDRES, 3. — O almirantado ordenou o encerramento dos estaleiros marítimos de Rother e Farnborough por absoluta falta de trabalho.

— Mentira! Pelo contrário, a escravatura tem-se agravado ultimamente com a falta de braços. A situação já é si degradante dos indígenas africanos, qualquer que seja o ponto de África portuguesa onde habitem, tem piorado.

— Mas na metrópole são bem tratados. — De facto — disse Heliodoro de Castro — na metrópole portuguesa são tratados quasi sem preconceitos. Mas, afinal, o mesmo sucede em Espanha, França, Itália, etc., existindo, entretanto, nas colónias destes países a mais pura escravatura.

— Mas essas afirmações, aliás verdadeiras — comentamos nós — contradizem as declarações do sr. Miguel Machado, delegado do Partido ao Congresso Internacional de Genebra.

— O P. N. A. — declarou o nosso entrevistado — não pode responsabilizar-se pelas declarações meramente pessoais, vindas a público, dos seus membros, por maior que seja a sua categoria social e a sua posição adentro do mesmo partido.

— Mas trata-se dum delegado a um Congresso, que deve exprimir a opinião do partido e não a sua opinião pessoal.

O sr. Heliodoro de Castro hesita um pouco. Notava-se-lhe a contradição, o desgosto talvez por ver um membro do seu partido desvirtuando o pensamento e o sentir dos negros nele filiados. Em seguida respondeu-nos:

— Os delegados do P. N. A. ao congresso da Liga Internacional de Defesa dos Indígenas certamente não farão declarações contrárias ao pacto de 21 de Março de 1921 porque assim atingiriam a unidade partidária que hoje mais do nunca é preciso manter.

E concluindo com calor:

— O P. N. A. é hoje uma força que será imprudente não reconhecer. Saberá defender o povo negro da secção portuguesa contra as ambições dos escravagistas estrangeiros, como lhe saberá com lealdade conquistar aos seus inimigos internos os legítimos direitos de homem e de cidadão.

## A REVOLTA NA SIRIA

Os rebeldes mantêm o cerco à guarnição francesa

PARIS, 3. — Segundo notícias recebidas da Síria, os rebeldes continuam a manter o cerco da guarnição francesa de Suedia. O governo nomeou o general Gamelin comandante das tropas na Síria.

O exército revolucionário é de 20.000 homens

BERLIM, 3. — Segundo um telegrama de Jerusalém, o exército revolucionário dos drusos eleva-se actualmente a 20.000 homens.

Mais um general para a pacificação...

PARIS, 3. — O general de brigada Gamelin, que foi nomeado comandante das tropas do Levante, exercerá as funções de adjunto do general Sarrail, alto comissário francês na Síria.

## PERSEGUIÇÕES

Associação de Classe dos Rurais de Souzel

Os trabalhadores de Souzel, reunidos na sua Associação de classe, aprovaram a seguinte moção, que passamos a reproduzir na integra:

"Considerando que pelo governo Vitorino Guimarães foram deportados sem julgamento para a Guiné, um grande número de operários que à Organização Operária deram o melhor do seu esforço;

Considerando que o actual governo, a despeito da manifesta arbitrariedade, mantém essas deportações;

Os rurais de Souzel, reunidos em assembleia, resolvem:

Enviar ao presidente do ministério o seu protesto, reclamando o imediato regresso dos deportados."

### Associação Operária de Abrantes

A Associação Operária de Abrantes, solidarizando-se com o protesto do operariado contra as deportações, enviou ao presidente do ministério o seguinte telegrama:

"Associação Operária de Abrantes protesta energicamente contra as deportações para as colónias de operários sem julgamento e reclama o seu imediato regresso à metrópole onde deverão ser julgados."

### A greve marítima em Inglaterra

LONDRES, 3. — O movimento grevista dos trabalhadores marítimos afecta especialmente os portos de Londres, Liverpool e Southampton.

No entanto, deste último porto, partiu o "Majestic" completamente equipado com 129 voluntários.

### Avião perdido

NEW-YORK, 3. — O segundo hidro-avião que tentava o voo directo São Francisco-Hawaii e que pediu socorro por falta de combustível, a 300 milhas do ponto de chegada, é considerado como perdido, em consequência de ter passado a tempestade que obrigou o outro aparelho a desistir e não terem sido recebidos novos apelos.

## Encontra-se em Lisboa, principescamente instalado no Avenida Palace, o conhecido socialista Alberto Thomas

Está em Lisboa o sr. Alberto Thomas, presidente do Bureau Internacional do Trabalho da Sociedade das Nações. O operariado de todo o mundo conhece suficientemente o "grande" socialista que se encontra hospedado no Avenida Palace, o melhor, o mais luxuoso e o mais caro dos hotéis de Lisboa.

Alberto Thomas pertence ao número dos intelectuais burgueses que, tendo observado que a questão social era uma realidade; que a luta de classes era o principal e o maior fenómeno social dos tempos modernos, reconhecem que os operários e a classe média tinham uma tendência para não acreditar nos partidos burgueses e que a política ia surgir em face disso, com etiquetas mais ou menos socialistas, mais ou menos vermelhas. E aproximou-se dos operários, vociferando teorias marxistas convenientemente suavizadas, mas virulentas na sua exposição; aproximou-se dos operários, mas para os captar, para lhes quebrar os impulsos, para os desviar dos combates decisivos. Aproximou-se do socialismo mas para o converter em instrumento de defesa da classe burguesa ao qual ele, como de resto a maioria dos socialistas de maior notoriedade, esteve sempre indissolvelmente ligado, pelas suas ideias e pelos seus preconceitos. Foi um dos que bastante se esforçou por vencer o socialismo revolucionário que orientava as grandes massas operárias e desprestigiava e esmagar os anarquistas que, com muita inteligência e energia, preconizavam a guerra à colaboração de classes e às influências políticas dissolventes.

A sua actividade política baseou-se sempre numa pretenção exagerada e perigosa: eliminar a questão social fazendo cessar a luta de classes introduzindo nas leis um humanitarismo social que levaria os operários a suportar os seus exploradores, sem recorrer a greves e a esperar, como o maná caído do céu, os mentirosos e illusórios acordos e arbitragens entre o capital e o trabalho. Coerente com esses objectivos, o sr. Alberto Thomas quando a guerra estalou não a combateu, antes a aceitou, recebendo logo como premio do seu apoio aos capitalistas uma pasta de ministro no gabinete da União Sagrada. O socialista transformou-se em ministro das munícipios, com a função de intensificar o fabrico de engenhos mortíferos, dos engenhos mortíferos que serviam para matar os operários fardados que foram para a carnificina. Enquanto o socialista era ministro das espíngardas, dos canhões e das granadas, os socialistas e os anarquistas fiéis às suas ideias e afirmações revolucionárias eram perseguidos e mandados como prisioneiros para os campos de concentração.

Finda a guerra a "questão social" de Alberto Thomas ficou definitivamente resolvida. Com a criação do Bureau Internacional do Trabalho da Sociedade das Nações, cuja presidência lhe foi entregue, o socialista fica com uma situação privilegiadíssima na sociedade. Ganhando ordenados estupendos, subvenções maravilhosas, sua vida pôde desenvolver-se em meios de grande luxo que até são vedados a muitos burgueses. Alberto Thomas começa levando por todo o mundo uma existência de nababo. Recebido por todos os chefes de Estado, gozando de grande consideração de todos os poderosos, apertando a mão aos reis como a um igual, beijando galanteiramente as mãos das rainhas tornou-se, embora um rei sem trono, um dos grandes reis do mundo. Ainda temos bem presente as frases amáveis que este "socialista" teve para a rainha da Romenia quando lhe pediu, em frases buriladas, que tivesse piedade dos trabalhadores que viviam na maior das misérias.

Que vem fazer a Portugal o grande socialista?

Vem avistar-se com o presidente do ministério e com o ministro dos estrangeiros para combinar com eles a maneira de melhorar a situação das classes trabalhadoras. Vem propor-lhes a representação dos congressos do Bureau Internacional do Trabalho de delegados do governo, dos patrões e dos operários com a missão de "concorrerem para o equilíbrio das sociedades, para o seu progresso e maior felicidade".

Este projecto revela bem quem é Alberto Thomas; quem é o aliado dos capitalistas que o luxuosíssimo Avenida Palace hospeda e que o "Século" órgão das "forças vivas", tratou generosamente, tecendo-lhe os mais rasgados elogios.

O sr. Alberto Thomas manifestou desejo de trocar impressões com qualquer representante da C. G. T. portuguesa. Acendendo ao convite o nosso camarada Manuel da Silva Campos, secretário geral da Confederação, avistou-se ontem com o presidente do Bureau Internacional do Trabalho.

Manifestou o sr. Thomas interesse em que a C. G. T. se fizesse representar no Bureau Internacional, porém, de que no Congresso de Colimbra a Organização Operária resolveu não se fazer representar nesse organismo internacional em virtude do seu carácter de colaboração de classes, geralmente repudiado pelos trabalhadores portugueses.

A conferência decorreu num tom cordial. Como o sr. Thomas lamentava que nem, pelo menos, houvesse entre a C. G. T. portuguesa e o Bureau simples relações de cortesia, o nosso camarada Silva Campos respondeu-lhe que a C. G. T. estava pronta a fornecer-lhe os informes que o Bureau lhe pedisse, visto que há muito tempo vem recebendo também toda a documentação de publicidade e de estatística, por vezes valiosa, que aquela repartição internacional lhe envia.

O sr. Alberto Thomas visita hoje, pelas 9 horas, a sede da C. G. T.

## A manifestação internacional, promovida pela A. I. T. contra a guerra, foi imponente

A Associação Internacional dos Trabalhadores organizou, segundo resoluções do seu último congresso realizado em Amsterdão, a semana anti-militarista, como comemoração da Grande Guerra. Do que foi essa grande e humaníssima campanha em alguns países diz-nos o "Serviço da Imprensa do Secretariado da A. I. T.", que acabamos de receber.

Dessa reportagem internacional, consta a forma como em Portugal o operariado se manifestou contra as guerras e transcreve-se um trecho do artigo que sobre o assunto publicámos em 4 de Agosto.

Apraz-nos, para conhecimento do operariado da região portuguesa, traduzir o que foi a campanha anti-guerrista nos seguintes países:

### Na Alemanha

De acordo com a Juventude Anarco-sindicalista, a F. A. U. D. (central da organização sindicalista) organizou uma grandiosa manifestação em Berlim, na Stadthalle, percorrendo todo o trajecto dali até à praça Bulow, com uma encorporação de alguns milhares de operários. Em outras cidades da Alemanha, igualmente se realizaram actos semelhantes, como por exemplo em Dresden, Hamburgo, Renania e Westfalia. Em Dusseldorf, a Juventude Anarco-sindicalista, promoveu um grande comício que resultou numa demonstração nas ruas. Nas resoluções tomadas em todos os comícios e outras manifestações, exorta-se os trabalhadores a tornar impossíveis mais guerras recorrendo para tal à greve geral, à negativa a produzir munições e à recusa ao serviço militar.

Estas resoluções foram unânimes.

### Na Suécia

A organização central sindicalista (S. A. C.) dirigiu-se a todas as organizações operárias, incitando-as a acatarem as indicações da A. I. T. e do congresso de Roma da Internacional de Amsterdão para realizarem acções comuns contra a guerra. Os socialistas democratas não responderam; o partido comunista-moscovita também não quis participar. Responderam: os comunistas anti-moscovitas, os sindicalistas, os anarquistas e as federações juvenis de todas essas tendências, ao todo quatro organizações operárias, das quais a mais importante é a secção sueca da A. I. T. A semana anti-militarista consistiu de comícios em quasi todas as cidades e centros industriais importantes da Suécia. O operariado manifestou um grande interesse, havendo esperanças de que a comemoração anual da guerra atinja um grande êxito no ano próximo. O comício foi estimulante.

### Na Holanda

A secção holandesa da A. I. T. em conjunto com a Associação Anti-militarista, prepararam manifestações anti-guerristas que tiveram um bom êxito em algumas localidades. A Holanda é o país clássico do anti-militarismo e era natural que um manifesto de propaganda contra a guerra e o militarismo fosse ouvido por todos os operários adversários das carnificinas.

### No Uruguai

A secção uruguaia da A. I. T. — a F. O. R. U. realizou no dia 2 de Agosto na praça da Independência de Montevideo um comício de propaganda contra a guerra, imponentemente concorrido.

(Do Serviço da Imprensa da A. I. T.)

## Pereira da Rosa pretende abusivamente, em nome do "Século", dispor da escola de Samora Correia, adquirida por subscrição pública

Hoje aprez-nos conversar um pouco com o muito célebre Pereira da Rosa, pontífice máximo do órgão em que esvurma bilis, diariamente, o dr. Trindade Coelho.

O "Século", por intermédio do sobre-dito Pereira da Rosa, mandou perguntar ao professor de Samora Correia, em memorando comercial, se a campanha da Batalha tinha fundamento, se a Samorense já tinha dado começo às obras da nova escola em substituição da que obrigou a encerrar, e pretendendo salvar-se e salvar a sua protegida moagem de Samora, explicava, como que a deitar água na ferveria, que o "Século" tinha combinado com um dos directores da moagem A Samorense transferir a escola que nesta villa havia feito construir por subscrição pública para a Praça Elias Garcia.

Vamos por partes, sr. Pereira da Rosa. O "Século", naturalmente habituado a levantar campanhas quer elas tenham fundamento ou não, tem o desprante, tem a desvergonha de perguntar, por escrito, se a campanha levantada pela Batalha tem algum fundamento e nem sequer vê que os artigos dessa campanha são assinados, em tipo bem legível, com um nome que, sem ser um nome glorioso na política, nas letras, no comércio, na indústria, ou na finança, nem por isso deixa de ser o nome de um homem honesto que se não prestaria, de forma alguma e por princípio algum, a levantar uma campanha cujas bases não fossem absolutamente justas, absolutamente.

Em que conta tem o sr. Pereira da Rosa a honestidade alheia?

Como avalia o bonzo-mór de O Século a honra daqueles que não pertencem à chafarica da rua Formosa?

Se a avalia pelo que corre lá por casa, muito mau juízo temos que formar dela, pela parte que nos toca.

O sr. Pereira da Rosa que, muito felizmente e com muita honra, não é das nossas relações, devia ser um pouco mais cauteloso nas suas apreciações e inquirir primeiro do nome que firmava os artigos para não ter

## A água do chafariz do Andaluz é tão boa ou tão má que há médicos que a bebem

Ainda acerca da tão debatida questão da água da fonte do Andaluz recebemos a seguinte carta que nos apressamos a publicar:

Sr. Redactor: Tendo de me ausentar de Lisboa durante algum tempo, venho por este meio, comunicar a v. um facto que, a meu ver, merece que se torne público e lança por terra a acusação que Mr. Charles Lepierre faz às águas do Chafariz de Andaluz, dizendo-as portadoras de 1 colli por centímetro cúbico, que este senhor afirma ser o veículo da febre tifóide.

Ora, estranhando eu que alguns milhares de indivíduos de ambos os sexos, que actualmente destas águas fazem uso cotidiano, ingerindo uma média de 1000 bacilos colis, nenhum deles foi ainda atacado da terrível febre, e não podendo acreditar que a sugestão seja a causa de ficarem indómitos, o que nem às milagrosas águas de Lourdes acontece, resolvi-me a consultar, sobre tão estranho fenómeno, o distinto clínico dr. Soares da Fonseca, que me elucidou do seguinte: «Eu faço também uso das águas do Andaluz e não tenho receio do colli que elas contêm porque destes bacilos temos nós nos nossos intestinos alguns milhares e a ingestão de mais alguns é inofensiva, pela simples razão de que ele não é condutor da febre tifóide, como alguém, erradamente, afirmou, o verdadeiro bacilo da febre tifóide chama-se bacilo de Hebert.»

Faça v. desta carta, de cujo conteúdo assumo inteira responsabilidade, o uso que entender.

Sem outro assunto sou de v. etc. — J. A. de Moraes Lobo.

Estamos convencidos de que não é o dr. sr. Soares da Fonseca o único médico que hoje faz uso daquelas águas.

De resto, a atestar que as águas não contêm os perigos que certas pessoas lhes atribuem está o facto de cotidianamente centenas de criaturas as beberem sem sentirem por isso incomodadas, antes pelo contrário.

## Na sessão inaugural da Sociedade das Nações

foi ventilado entre outros assuntos o da escravatura em África

GENEبرا, 3. — O sr. Briand inaugurou ontem a 35.ª sessão do conselho da Sociedade das Nações.

O exame da questão de Mossul foi adiado por 24 horas.

O conselho examinou e enviou à assembleia da sociedade, o projecto do delegado italiano sr. Scialoja sobre a União Internacional de socorro às populações vítimas de catástrofes.

O conselho aprovou uma moção relativa ao envio dum comissão de inquérito a certos países produtores de opio, e bem assim os trabalhos da comissão de escravatura.

O problema das minorias gregas em Constantinopla e das minorias turcas na Thrácia foi adiado para ulterior sessão, de acordo com os governos interessados.

que perguntar imbecilmente se a campanha da Batalha sobre os potentados de Samora tinha algum fundamento. Se o sr. Pereira da Rosa fosse um homem de boa fé, nunca teria subscrito uma tal pergunta que envolve uma grave ofensa para quem levantou tal campanha; mas sabendo a facilidade com que lá por casa se levantam campanhas, — e o tal tal pergunta confirma — não teve o menor pejo em o fazer.

Pois fez muito mal. Não pretendemos ser intangíveis, como c. não é ninguém; mas tratando-se do pudor e pundonor próprios de quem preza a sua dignidade pessoal e profissional, então não há ninguém que possa calar a nossa, mais que justa indignação.

A campanha tem fundamento, tem; e tão sólido e tão justo que nem as vozes dos que têm interesses ligados aos colossos em que ainda foram capazes de se erguer num simulacro de protesto, o que, até certo ponto, seria justificável; mas éles mais prudentes, mais ponderados, mais razoáveis até de que o sr. Pereira da Rosa, ainda não tiveram coragem para vir dizer em público aquilo que a empresa de O Século insinuava.

Diz depois O Século, no seu memorandum que "havia já combinado com um dos directores de A Samorense a transferência da escola para a Praça Elias Garcia".

Nesta pequena explicação também o sr. Pereira da Rosa manifesta bem o seu desprezo pelos direitos alheios. Costumado a mandar lá no Século como em sanzala de negros, entende o sr. Rosa que O Século pode pôr e dispor, a seu bel talante daquilo que lhe não pertence e que que nenhuma ingerência pode ter na Escola de Samora Correia nem no terreno em que assenta ou naquele que vai ser destinada a outra que ha-de construir-se em substituição da que a Samorense criminosamente encerrou há mais de 5 anos.

Nós sabemos onde o sr. Pereira da Rosa quer chegar.

O sr. Pereira da Rosa, com esta explicação



ção, qual lançar à Samorensse um piedoso *corro à salvar-te*, pretendendo fazer crer que—se o encerramento da escola se deu, tal facto nada tem de abusivo, antes estava perfeitamente sancionado por uma prévia combinação entre a Samorensse e o *Seculo*, pelo que vemos, é agora uma sucursal do ministério da Instrução pública. Será, mas só enquanto houver ministros e chefes de repartição cegos e surdos às justas reclamações de uma população que se vê privada de uma escola que era muito sua.

Esta combinação prova bem a moral lá da casa.

Então o *Seculo* fez construir uma escola por subscrição pública, portanto com dinheiro que para tanto lhe confiaram e de que ele era um simples administrador e, construída a casa, oferece—em nome dos subscritores que não do seu—à entidade competente que nesse tempo era a Câmara Municipal, e, depois de tudo, ainda se julga dono da Escola para poder transacionar com uma empresa particular o seu encerramento e deslocação?

E' o cúmulo!

O *Seculo* não tinha autoridade nem competência para negociar tal assunto, não obstante ser propriedade da gente de negócios, a não ser que o ministro de então—e nós esperamos que isso nos seja oficialmente confirmado—tivesse delegado nele tais atribuições. Fê-lo o ministro?

Por enquanto permita-nos o *Seculo* que não acreditemos.

Poderia o ministro, e isso é até certo ponto delicado e razoável, querer ouvir o *Seculo* sobre o assunto da escola em cujo pórtico figura ainda o seu título; mas daqui a afirmar-se que o *Seculo* combinou com a Samorensse a mudança da Escola e a escola do local próprio vai um abismo.

O *Seculo* não é dono da Escola de Samora Correia; e, abusivamente, dispõe desta como propriedade sua.

Sabe-se disto no ministério da instrução pública?

Foi o ministério ouvido em tempo oportuno sobre o caso?

Foi ouvido sobre o local escolhido?

Foi o local escolhido de harmonia com a legislação pedagógica que regula o assunto?

Supomos que não e deixamos a afirmação de pé, ainda que envolvida na dúvida em que estamos.

Pergunta ainda o *Seculo* se a nova escola já está em construção.

E' outra sangria em saúde que o *Seculo* se aplica ainda com o cautismo fino de dar a impressão de que tudo estava lícitamente preparado; mas até nisto o sr. Pereira da Rosa foi infeliz, se não málvolo.

De mais sabe o sr. Pereira da Rosa que a Samorensse ainda não começou a construção da escola, nem, sequer, pensa em a construir, porque uma construção daquelas custa dinheiro; e aquilo por lá, segundo se afirma, não navega em mar de rosas. Com isso, porém, nada temos que ver.

Cremos ter repellido, por agora, as insinuações málvolas e torpes do órgão das forças económicas e respondido cabalmente ao infeliz memorando em que o *Seculo* enviou para Samora Correia, fingindo que qualquer soma de interesse dedica ao encerramento ou à abertura de uma escola.

E cá estamos, para o que der e vier, na certeza plena de que, pequenos e fracos, não tememos as arremetidas e insinuações das grandes colossos, quer eles se chamem a Samorensse, a Companhia das Lezírias ou o órgão da U. I. Económicos.

Serra FRAZÃO

## CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Federação Corticeira Nacional

Reuniu-se anteontem o conselho federal para, em presença das respostas dos sindicatos à circular da federação, deliberar sobre a atitude a assumir em face da pretensão dos industriais, de baixarem os salários.

Por unanimidade o conselho aprovou um documento pelo qual repudia qualquer diminuição dos salários actuais, visto tal pretensão ser incompatível com a péssima situação económica que a classe atravessa.

Portanto, e em face das suas anteriores deliberações, os sindicatos deverão aguardar comunicações da federação relativamente à acção a assumir, repudiando, desde já, qualquer diminuição que os industriais pretendam impor.

Sindicato da Construção Civil de Parede

Para efeitos de colocação a comissão pró-desempregados do Sindicato Único da Construção Civil de Parede, convida os operários desempregados e pertencentes à indústria a inscreverem-se no boletim do sindicato.

Corticeiros de Odemira

Reuniram em assembleia geral os corticeiros de Odemira para tratar da baixa de salários premeditada pelos industriais, tendo resolvido apoiar o movimento de resistência que contra tão iníqua pretensão a Federação Corticeira venha a iniciar.

Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil

O delegado deste organismo tem procurado por várias vezes o administrador dos Edifícios Públicos e Monumentos Nacionais para tratar da readmissão dos operários das obras do Estado.

O administrador disse ao delegado que assim que lhe seja dada a autorização dos Juodécimos os operários serão readmitidos.

Os canteiros de Lisboa e arredores vão realizar uma conferência

A Secção Profissional dos Canteiros e Polidores de Mármore do S. U. C. Civil de Lisboa, reuniu-se ontem em sessão magna com regular número de canteiros de Lisboa, Tires, Parede, e alguns polidores.

Entrando-se na ordem dos trabalhos que era a crise de trabalho, fez uso da palavra Alfredo Lopes, que numa exposição circunstanciada pôs os presentes ao facto da crise que em seu entender é preparada pelas forças vivas no sentido de aniquilar o horário de trabalho e fazer a baixa de salários.

Fizeram também uso da palavra, na mesma ordem de ideias António Vicente, Artur Moreira Sabido, Artur dos Santos, José Casquilho e Carlos Coelho que apresentaram uma moção, pela qual se resolve:

«Procurar por todas as formas ao seu alcance levar à prática uma conferência de canteiros de Lisboa e arredores, nomeando para tal, uma comissão de canteiros das localidades acima citadas que deverão elaborar um documento-lêse que será apreciado, e com o compromisso dos delegados

## Rebatendo acusações mentirosas

De Manuel Viegas Carrascalão que há 84 dias se encontra preso recebemos a seguinte carta que gostosamente publicamos:

**Camarda redactor:**—Após 84 dias de prisão sou forçado a sair do mutismo em que me encontrava por ter lido há dias uma entrevista concedida pelo dr. sr. Barbosa Viana ao *Diário de Lisboa* em que aquele senhor declarava ter, em todos os processos de indivíduos suspeitos de «legionários», encontrado provas jurídicas, suficientes, para serem pronunciados. Li e pasmei de tanta audácia, o que de certo sucedeu a todos os que como eu possuem provas insosfismáveis da sua inocência.

Estou inocente e por consequência não pode haver no meu processo provas jurídicas susceptíveis de fazer lavar contra mim um despacho de pronúncia. Não faço esta afirmação de ânimo leve. Afirmando a minha inocência e vou prová-la para que a veracidade das afirmações do dr. sr. Barbosa Viana que, macaqueando Lombroso nos chama tarados como se estivesse ao alcance da sua mesquinha inteligência o poder observar com segurança as taras de que porventura sejam dotados.

Sou, eu, acusado de assistir às reuniões preparatórias do atentado ao comandante da polícia tenente-coronel sr. Ferreira do Amaral e de tomar parte no referido atentado.

Segundo diz a polícia as reuniões começaram a 1 de Maio, e como toda a gente sabe o atentado deu-se a 15 de Maio das 21 para as 22 horas.

\* Ora eu a 30 de Abril à noite parti para Castelo Branco como delegado da Confederação Geral do Trabalho e da Federação do Livro e do Jornal.

No dia 1 de Maio—dia em que começaram as reuniões em Lisboa, segundo diz a polícia—fui eu preso em Castelo Branco e posto em liberdade no mesmo dia—o que se pode verificar lendo o livro de registo da entrada e saída dos presos na esquadra da polícia daquela cidade.

Até ao dia 15 de Maio percorri as seguintes localidades realizando, em todas elas sessões de propaganda:

Nos dias 1, 2 e 4 em Castelo Branco, no dia 3 na Lardosa e em Escalvos nas sedes dos sindicatos Unicos da Construção Civil; a 6 na Covilhã na sede do Sindicato dos Operários Têxteis; a 8 na Guarda, na sede do S. U. da Construção Civil; a 11 novamente em Castelo Branco, no Sindicato dos Operários Corticeiros; a 14 em Santarém, na sede do Grémio Operário. São testemunhas destes factos não só os milhares de pessoas que assistiram a essas sessões de propaganda, como as direcções dos organismos onde elas se efectuaram e as autoridades de algumas dessas localidades. Cheguei a Lisboa no dia 15 pelas 14 horas, isto é, precisamente no dia em que se realizou o atentado. Porém à hora em que ele se efectuava encontrava-me numa taberna, onde costumava tomar as minhas refeições, sita na travessa da Agua de Flor, 15, e onde entrei antes das 20 horas, só saindo quasi à meia noite.

São testemunhas deste facto os proprietários da taberna sr. Domingos Salinas e esposa, e ainda António de Sousa e João Pereira Cotovia, bem como outros fregueses cujos nomes não me recordo. E o atentado deu-se das 21 para as 22 horas como toda a gente sabe.

Está pois provado que eu não assisti às reuniões, pela razão simples de que não estava em Lisboa.

Provado deixo também que não tomei parte no atentado.

A estes factos comprovativos da minha inocência acresce ainda o de eu sofrer de uma paralisia no braço direito e ser coxo da perna esquerda, há 3 anos, não podendo pois tomar parte nesse ou em qualquer atentado que para aí se dê. Tudo isto é do conhecimento da polícia, e foi por mim declarado em tempo competente.

Ontem sobre as provas jurídicas da minha culpabilidade?

Que dizem a isto sr. director da P. S. E. e dr. sr. Barbosa Viana?

Desafio-os a que desmintam o que aqui digo e que apresentem as provas da minha culpabilidade, se são capazes.

Não o poderão fazer porque estou inocente e as provas que apresento são insosfismáveis.

De passagem deixo-me dizer, em resposta a certa imprensa que várias vezes afirmou, que eu, após o atentado, fugi para o Algarve que assim não sucedeu.

Se fui preso no Algarve foi porque andava lá em missão de propaganda da C. G. T., e quem anda fugido não tem decerto vontade de falar em público não ocultando sequer o seu nome.

Manuel Viegas Carrascalão

### Catedral incendiada

CAIRO, 3.—Comunicam de Alexandria que um violento incêndio danificou gravemente a catedral. Os prejuízos são avaliados num milhão.

O incêndio foi devido à negligência de Deus, que se deixou adormecer, pelo que vai ser obrigado a cobrir os prejuízos causados na sua própria casa.

“A BATALHA” No Funchal vende-se no Bureau de La Presse.

### O preço da carne

Um protesto contra o seu aumento

Da direcção da Associação dos Trabalhadores em Carnes Verdes de Lisboa recebemos o seguinte protesto:

«Tendo esta associação conhecimento de que a carne de vaca vai sofrer um aumento de \$40 centavos em guiso a partir de hoje, e como nos coneelhos limitrofes o dito género continua descendo de preço além de há muito ser vendido por menor preço que em Lisboa, e como não se justifica tal medida, vem esta associação desde já lavar o seu mais veemente protesto contra quem ordenou semelhante pouca vergonha.—A direcção da Ass. de Classe dos Trabalhadores em Carnes Verdes.»

fazerem todo o possível para a sua execução ser um facto».

Falaram ainda sobre a moção vários camaradas que concordando com a ideia lhe deram o seu apoio, pelo que ela foi aprovada, sendo nomeada a comissão organizadora, que ficou composta por Artur Sabido, António Vicente, José Casquilho, Carlos Coelho, António Francisco, Luís Patrício e Manuel Bandeira.

## Os operários australiano-boicotaram a esquadra norte-americana como protesto contra as perseguições aos trabalhadores nos Estados Unidos

A visita da esquadra americana à cidade de Sydney, Austrália, deu lugar a que os trabalhadores fizessem uma significativa demonstração de solidariedade pelos presos sociais dos Estados Unidos, boicotando todos os actos que se prepararam em honra dos visitantes.

O primeiro acto importante deste boicote registou-se no momento em que as autoridades queriam ir receber a esquadra fora do porto, tendo-se as tripulações dos barcos negado a sair. Em muitos lugares públicos levantaram-se vozes de protesto contra as leis do «sindicalismo criminoso», o que ocasionou desordens entre os marinheiros da esquadra e os membros das uniões locais.

Distribuíram-se muitos milhares de manifestos e folhas soltas entre os marinheiros e tripulantes, nos quais se dizia que o boicote não era contra eles, mas contra os imperialistas e exploradores do seu país, que mantem nas Bastilhas de Califórnia mais duzentos trabalhadores, que não cometeram outro delito senão o de serem fiéis aos seus princípios.

### O terror nos cárceres e nos presídios da Argentina

E' terrível a situação dos presos na Argentina, principalmente na prisão de Sierra Chica, onde a vida dos reclusos se encontra constantemente ameaçada pelas bravatas dos esbirros, e submetidos a bárbaros trabalhos e tratamento.

O camarada Lourenço Barrios é um dos presos que se acha prestes a succumbir em consequência do regime inquisitorial que está sofrendo.

Barrios uma das vítimas da fobia policial e dos acontecimentos de 1920, foi condenado a 25 anos de presidio por um juiz canalha, que sem nenhuma prova evidente de culpabilidade o condenou, baseando-se unicamente em suspeitas.

Actualmente encontra-se atacado de tuberculose pulmonar, mas os bárbaros que mandam no presidio, não se resolvem a enviá-lo para um hospital, onde se lhe possa ministrar os elementos necessários para aliviar ou curar o mal que o aflige.

### II Congresso da Federação Unitária do Livro

No II Congresso da Federação Unitária do Livro, realizado recentemente na França, segundo diz a «Humanité», Monmousseau declarou que a C. G. T. Unitária «segue a linha traçada pelo Congresso de Bourges contra o federalismo e os desvios anarco-sindicalistas», tendo sido a sua «colaboração com o partido comunista ordenada pelos acontecimentos».

Representam o respeito intransigente à máxima social de «que a emancipação dos trabalhadores há de ser obra exclusiva dos próprios trabalhadores»; e como a colaboração da organização sindicalista com um partido político, que aspira à conquista do poder, para instaurar uma ditadura sobre o proletariado, é uma traição aos princípios basilares, que a deviam orientar, razão tinham Faure, Borghi, etc., quando, após o congresso de Bourges afirmaram que o sindicalismo francês se tinha, nesse congresso, suicidado moralmente.

A C. G. T. U. que tantos «escrúpulos» tem em estender a mão aos «pequenos-burgueses» e «contrarevolucionários» da A. I. T., não sabe que blandícias há de fazer agora para se insinuar no animo dos «sinceros revolucionários» da velha C. G. T.

A propósito da comemoração do 30.º aniversário da fundação deste organismo, —que ambos têm procurado destruir—fez ela o seguinte convite a aqueles que ainda se deixam levar pelas suas habéis cantigas:

«Na ocasião do 30.º aniversário da Confederação Geral do Trabalho, na grande festa que será celebrada no dia 26 à noite, no vasto recinto de Paris, deve haver uma retumbante demonstração de vontade da Unidade dos trabalhadores da região parisiense».

Acima de todas as tendências, conscientes de que unicamente a maior coesão os pode preservar dos perigos que ameaçam os sindicatos, confederados e unitários, trabalhadores de todas as categorias, delegados ao congresso das duas C. G. T. terão francamente de comemorar dignamente o acto sublime de união das forças operárias realizada no Congresso de Limoges, em Setembro de 1895, (e que as duas C. G. T. agora não têm feito senão escangalhar) pelos representantes qualificados dos sindicatos, grupos corporativos, federações de officio, uniões e bolsas de trabalho.

E' servindo-nos do seu salutar exemplo que deu origem à organização do proletariado de França, na Confederação Geral do Trabalho, e reclamando com todo o direito desta grande família operária, de que fazemos parte, que entendemos ficar fiéis às tradições dos nossos antepassados.

Proclamamos a nossa vontade de reconstituir a herança que eles nos legaram.

Treguas às nossas deslealdades, às nossas divisões.

Contra o patronato e a burguesia formemos o bloco proletário».

Para a reconstituição dum C. G. T. única. Pela unidade sindical nacional e mundial. Todos ao Circo de Paris, na quarta-feira».

As declarações de Monmousseau no congresso da Federação Unitária do Livro sobre a colaboração com o partido comunista obrigada pelas circunstâncias, revelam-nos bem a sinceridade com que são manifestados os desejos da unidade acima expostos pela C. G. T. Unitária.

### A repressão sangrenta da greve do salitre

Segundo as últimas informações no combate que sustentaram os grevistas das pampas do salitre com as tropas do governo houve cem mortos e quatrocentos feridos.

Entre os mortos encontra-se o camarada Garrido chefe do movimento revolucionário e Comissário Geral do Sóviet.

Foram presos mais 160 grevistas, que serão conduzidos a Iquique.

Pelo que se vê, os trabalhadores chilenos

## Caminhando para o Humanitarismo

A influência pernicioso do álcool no sangue, nos órgãos respiratórios e na vontade dos indivíduos

No sangue começa a tendência a coagular, chegando a formar-se um verdadeiro coágulo, como que uma rolha que vai parar num vaso circulatorio, impedindo o sangue de irrigar, de nutrir certas regiões de determinadas órgãos; esses embolos, se forem localizados nos vasos da medula ou do cérebro, produzem paralisias e mesmo a morte ou a loucura, etc.

O coração vai-se dilatando, aparece a opressão, palpitações, dificuldade respiratória, tendência à congestão pulmonar, à bronquite, à tuberculose, etc.

Na pele, produzem-se erupções variadas, vermelhidão no nariz e nas faces (o que dá a ilusão de terem mais saúde), etc.

Tanto o tacto e o cheiro, como o ouvido e a vista, diminuem, produzindo-se, frequentemente, doenças gerais nesses órgãos; se o alcoólico sofrer uma ferida, partir um osso, ou qualquer outra doença, a sua cicatrização, a sua consolidação, em suma, a sua cura torna-se mais problemática, mais vagarosa e mais difícil.

Isto provém de que o alcoolismo diminui a resistência, isto é, as forças do nosso organismo, daí o ficar mais sujeito a tuberculose, à gripe, à febre tifóide, etc.

O alcoólico perde toda a sensibilidade, tornando-se indiferente às misérias e sofrimentos das pessoas da sua família e, caso a doença progreda muito, a sua vontade diminui por tal forma que se lhe torna totalmente impossível resistir ao vício da bebida.

A dignidade desaparece rapidamente, tornando-se o indivíduo indiferente às questões de limpeza, de honra, tornando-se, muitas vezes, objecto de troça para os que por ele passam. Aqui estão, pois, resumidos os factos diários, de todo o momento, produzidos pelo alcoolismo.

O alcoólico passa a maior parte do tempo na taberna, perdendo dias de trabalho, perdendo a sua saúde e dos seus, diminuindo-lhe a sua inteligência e a sua habilidade técnica, começando por lhe serem impossíveis os trabalhos delicados, em virtude de lhe terem sempre os mãos.

O álcool, não só é prejudicial ao operário, como também o é aos mestres, aos patrões, pois que os inibe de dirigir bem as suas oficinas, as suas fábricas, não deixando, pois, executar os trabalhos num dado tempo e como deve ser. Citemos alguns efeitos ruindos:

Lembra-me o célebre dito de Lamennais: Sabeis o que bebe este homem no copo que vacila nas suas mãos, trémulas pela embriaguez? Bebe as lágrimas, o sangue, a vida de sua esposa e filhos.

Ele bebe a vida dumha sociedade, pois que, não só por ele como pelo meio e escola a que arrasta os que com ele convivem, produz a degenerescência da sociedade humana.

Aos 40 anos, o alcoólico está epiléptico, gasta como um homem de 60 anos ou mais.

De cada quatro crianças epilépticas, três são filhos de alcoólicos.

Mais das duas terças partes dos loucos, são alcoólicos.

Vinte por cento da mortalidade são devidos ao alcoolismo.

Delasianne, em 83 crianças do seu serviço hospitalar, 60 vezes encontrou o alcoolismo nos pais.

Em 3/4 crianças, filhas de alcoólicos, viu que 132 delas tinham morrido no momento da observação, 60 eram epilépticas, 48 tinham apresentado convulsões nas primeiras idades e 64 pareciam de boa saúde.

Luís CORTEZ  
Médico

### LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 11 desta revista intitulada «El Hijo de Nadie», de Frederico Urales.—Preço. \$50.—Pedidos à administração de A Batalha.

### ACABA DE SAIR

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fugoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor: Preço \$100.

Pedidos à administração de A Batalha.

### A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arkinkof. Preço \$50.

### A 'Batalha' na provincia e arredores

### Vila Real de Santo António

### A situação dos operários A limpeza pública

VILA REAL DE SANTO ANTONIO, 3.—A falta de peixe está causando uma crise pavorosa, deixando um grande número de operários sem ocupação. Os que trabalham, auferem o miserio salário de oito escudos diários, fazendo horas extraordinárias que são pagas segundo a regra do salário-hora.

Uma exploração odiosa que com'enta os industriais que se sentem à vontade numa terra onde não existe organização operária.

A higiene da vila não existe, senão nas necessidades sempre inatendidas dos habitantes. Uma carroça percorre, todas as manhãs, as ruas, recolhendo os dejectos, que espalham, pelos ares, um cheiro insuportável. Talvez para não esquecermos que atravésamos uma quadra de calor, o município limita-se à regra das ruas...—C.

manifestaram mais uma vez o seu valor indomável e a sua energia nas lutas titânicas que têm sustentado com armas na mão contra o sistema opressor do democrata Alesandri e da burguesia, que em sinistro entendimento pretendem destruir o movimento progressivo do proletariado do Chile

## Em Sines

A reacção clerical campeia infrene, preparando uma procissão, com o beneplácito de alguns «liberais»

A propaganda clerical que por todo o país vem desenvolvendo-se, com um desdado tolerado pelos chamados livres pensadores, não recuou ante as tradições liberais do povo de Sines—cujo espírito, alheio à religião, de há muito tem dispensado a própria existência do padre—e procura infiltrar-se, com a aquiescência das próprias autoridades, que fingem desconhecer a existência dumha lei que proíbe a exteriorização, nas ruas, do culto religioso.

Na farsa missão de embutecer o espírito do povo, estabeleceu-se uma espécie de portão entre os conservadores e os falsos liberais. Há três anos era um médico monarquico que para se celebrar e arranjar clientela organizava uns festejos, em setembro, com um programa retumbante, a que não faltava a procissão. Uma boa parte do povo daqueles que não acreditam em milagres, e outras patranhas religiosas, protestou contra a forma como os empreiteiros da festa empregavam os donativos da esmola. Surgiu, então, um grupo de facinhoros republicanos liberais que, em concorrência aos festeiros monarquicos, correram com eles para logo em seguida, em cavalgada de burros, percorrerem as freguesias limitrofes de Sines, lamuriando impertinentes, para arrancar aos camponeses algum dinheiro, em nome dumha «santa milagreira».

Não ficou, porém, por aqui a coerência desses charlatães—Pasmai oh gentes!—fôrm-se até Beja, ajoelhar-se aos pés do bispo e implorar-lhe que abrisse com a sua presença a festarola que em breve se realizaria. E não há vergonha que faça corar esses emulos do autor da célebre «la separação»...

O povo de Sines, se não souber impôr-se, irá assistir ao escarnio de ver vestidos de ópa e empunhando tocheiros, aqueles que ontem davam vivas à república e à liberdade, e que amanhã serão capazes de vitoriar a ditadura e a inquisição.

Tartufo 1...—C.

### Edições SPARTACUS

O Amor e a Vida (contos), por Campos Lima. Preço \$500.

A Crise Económica, seus aspectos essenciais, pelo engenheiro João Perpétuo da Cruz. Preço, \$250.

Três aspectos da Revolução Russa, por Emile Vandervelde. Preço \$500.

A Revolução em Portugal, comunista? socialista? libertária? sindicalista?—Coligação das esquerdas.—A transformação da República, por Campos Lima. Preço \$600.

A venda em todas as livrarias e na administração de A Batalha.—(Desconto aos revendedores).

## DESPORTOS

Liga Portuguesa de Hockey

Calendário de Jogos de Hockey em patins, a realizar no próximo domingo.

Primeiras categorias: Sporting-Benfica-17 horas-Arbitro-Isidoro de Almeida do H. C. P.

Segundas categorias: Hockey-Benfica-16 horas-Arbitro-Tóres Mota do S. C. P.

Excelsior-Portugal-Arbitro-Rombert do H. C. P. (15 horas).

Todos os encontros deste dia, realizam-se em Benfica e são os últimos da 2.ª volta.

**Renovação**

Revista Grafica

A 1 e 15 de cada mês

Preço esc. 1,50

### TEATRO APOLO

HOJE, 4

O Conde de Monte Cristo

Nos principais papeis: Ilda Stichini e Rafael Marques

### Menor desaparecida

De casa de seus pais fugiu em 12 de Agosto a menor, de 14 anos, Júlia Almeida Estrêla.

Vestia saia verde às riscas brancas e azuis, blusa branca, e calçava sapatos pretos abotinados.

Tem cabelos escuros cortados à «garçon-ne», olhos azuis e falta de um dente.

Sua família pede a quem a encontrar o favor de o comunicar para Manuel Francisco Estrêla, vendedor de leite, residente na quinta do Tolé, estrada de Sacavém, 132, Lisboa.

A menor referida deve dar o nome trocado.

### EDEN TEATRO

Direcção artística de HENRIQUE SANTANA

AMANHÃ—Inauguração dos espectáculos por sessões

1.ª REPRESENTAÇÃO da revista em 2 actos e 12 quadros, de Eduardo Fernandes (Escalápio) e Carlos Ferreira, música de Alves Coelho e Raúl Ferrão

Frei Tomás ou O Mistério da Rua Saraiva de Carvalho

MONTAGEM COMPLETAMENTE NOVA—BILHETES À VENDA

## TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

### O fado nos espectáculos públicos concorre para o embrutecimento do povo

Meu caro Nogueira de Brito:

Foi com desgosto e mágoa que tomei conhecimento da colaboração que o meu amigo deu à 2.ª festa do fado e do desgosto e mágoa redobram ao ler em A Batalha de hoje, 2, a sua crítica à mencionada festa em que v., com uma veemência que nunca lhe notei ao verberar a pouca urbanidade, a ausência de compostura das plateias perante obras de pura arte, se insurge contra o público que não compreendeu (ou não quis compreender?) aquilo que para o critério de Nogueira de Brito era digno de melhor apreço. Eu não fazia parte desse público e portanto poderei falar com a serenidade que certamente me não daria a condição de ofendido...

Devo dizer, antes de mais nada, que sou adversário do fado, que me enfadava isso que se canta nas tascas entre fumaças de mau tabaco e copos do pior vinho.

O cultivador da canção nacional é exageradamente pretencioso, tem uma mentalidade especial que se revela na maioria dos casos por falta de mentalidade. Às vezes tem obra sua; mas essa obra é um amontoado de lugares comuns, de chavões consagrados já pelos nossos avós, sem inspiração nem musicalidade. São umas verdadeiras empadas literárias decalcadas noutras obras já velhas e relhas.

Sem educação musical nem literária, uns cantadores elevam a voz inculta a alturas inconcebíveis; outros menos dotados de voz procuram frasear, estilizar a canção, mas em vez de nos encantarem com um recitativo correcto não fazem mais que largar paulatitas. Todo o cultivador tem a sua entourage, uns admiradores incondicionais que os seguem nas peregrinações de adegas em adegas, de retiro em retiro numa obstinação que roça pelo fan



## MARCO POSTAL

Evora—Juventude Sindicalista—Não recebemos a carta indicada. Queiram reclamar.  
Worcester (U. S. A.) Leonel L. Carneiro—Ficou paga revista e suplemento até 31 de Junho de 1926.  
Fall River—J. B. Pereira—Ficou paga a revista até 15 de Junho de 1926.  
Pombal—M. R. Ribeiro—Ficou pago até 30 de Novembro.  
Amoreiras—Garcia—A. Portela—Recebi carta, e ficou pago o mês de Setembro de ambas as vossas assinaturas.

## Agenda de A BATALHA

## CALENDARIO DE SETEMBRO

S.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
S.																															
D.																															
T.																															
Q.																															
Q.																															

## MARES DE HOJE

Pratamar às 1,25 e às 1,51  
Paixamar às 6,55 e às 7,21

## CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	96900	96925
Madrid, cheque	2885	
Paris, cheque	993,5	
Suiza, cheque	3885	
Bruxelas, cheque	90	
New-York, cheque	1980	
Amsterdã, cheque	8802	
Itália, cheque	77	
Brasil, cheque	2535	
Praga, cheque	59	
Suécia, cheque	5835	
Austria, cheque	2881	
Berlim, cheque	4576	

## ESPECTÁCULOS

## TEATROS

Doliteama—A's 21,30—O Leão da Estrela.  
Folpeo—A's 21,30—O Conde de Monte Cristo.  
Marta Vitória—A's 20,30 e 23,30—Rataplan.  
Casino de Sintra—A's 21,30—Concerto pelo teatro Lepelletier.  
Júlio—A's 21,30—Lírios e a Glória.  
Século 30—A's 20,30—Variedades.  
Lilicente (a Graça)—A's 20—Animatografos.  
Lilicente (a Graça)—Todas as noites—Concertos e variedades.

## CINEMAS

Olimpia—Chico Tarras—Salão Central—Cinema  
Cedex—Salão Ideal—Salão Lisboa—Sociedade P. R.  
Motora de Educação Popular—Cine Paris—Cine Es-  
perança—Chantier—Livraria—Livraria.

## LIMAS NACIONAIS

UNIAO  
MARCA REGISTRADA  
União Têxtil, Lda., rivaliza em preço e qualidade com as melhores limas do mundo. Experimentem, pois, as nossas limas que se encontram à venda em todas as boas estabelecimentos de ferragens do país.

## Menstruação

Aparece rapidamente  
tomando o  
**FERREOL**  
Não prejudica a saúde. Caixa 1500.  
Envia-se pelo correio à cobrança.  
R. da Escola Politécnica 16 e 18  
LISBOA

## Grande Liquidação de Lanifícios

Do antigo armazém de fazendas por atacado de FRANCISCO PEREIRA, Lda, com o fim de dar lugar ao novo sortimento com que brevemente esta casa vai inaugurar na mesma sede,

**Armazém Central de Lanifícios**  
com Vendas directas ao público  
pelo preço das fábricas e ainda mais barato. Casemiras meia estação  
desde 15 escudos  
Aproveitem esta esplêndida ocasião  
Rua Arco Bandeira, 139, 1.º

## Valério, Lopes &amp; Ferreira, L.º

## FERRAGENS E FERRAMENTAS



Metal, cutelarias, talheres,  
louça esmaltada, parafusos, fun-  
dos para cadeiras,  
— guarnições para móveis —

Chapa ferro preta e zincada

Chapa de zinco, latão e cobre, antimônio, balanças, pesos e medidas,  
cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.

24, R. do Amparo, 86-61809 — TELEF. 3933, N.º 11

## FATOS COMPLETOS E SOBRETUDOS

em boas fazendas de lã com bons torcos desde 159\$00

IMPREMISSÍVEIS INGRESSOS com rinto e rapuz, desde 169\$00  
**CAPAS ALENTEJANAS desde 199\$00**  
**CALÇAS desde 40\$00**

ABATIMENTOS PARA REVENDA

**O CHAVES DO CONDE BARÃO**  
170, Rua da Boavista, 172

## "PÓ RODRIGUES"

O melhor destruidor de pulgas,  
percevejos, baratas, formigas, etc.

Unicos depositários em Portugal  
**Salvador Batista**  
Limitada  
Fabricantes das famosas  
marcas "PÓ RODRIGUES"  
e "PÓ RODRIGUES"  
19A, R. da Boavista, 19C  
LISBOA  
Telefone C. 5467  
A venda em todas  
as Drogeries, Mercen-  
cias e lojas de Terren-  
ças.

AGENTES:  
NO PORTO—Sociedade de Pro-  
dutos Químicos, Lda.  
RUA 31 DE JANEIRO, 171, 1.º  
NAS ILHAS—João Gomes-Funchal

## AS OURIVESARIAS

DA FIRMA  
Peixoto, Pinheiro & Maia, Lda  
R. da Palma, 14 e 16  
R. da Boa Vista, 22  
E DA FIRMA  
Peixoto, Maia & Pinheiro, Lda  
R. de São Paulo, 31  
R. de São Paulo, 114  
São as que mais se limitam  
TELEFONES: C. 1322-N. 5117

## Políclínica da Rua do Ouro

Entrada: Rua do Carmo, 93  
Telefone N. 5353

Medicina, cirurgia e pulmões—Dr. Armando  
Narciso—A's 4 horas  
Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Viar-  
4 horas  
Rins, vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães  
—10 horas  
Fele e sífilis—Dr. Correia Figueiredo—11  
às 5 horas  
Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R.  
Lolli—4 horas  
Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—  
2 horas  
Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mário Ol-  
veira—4 horas  
Estômago e intestinos—Dr. Mendes Belo—  
5 horas  
Doenças das senhoras—Dr. Emilio Paiva—  
2 horas  
Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Roma  
—3 horas  
Ecce e dentes—Dr. Armando Lima—11 h,  
Cancro e rádio—Dr. Cabral da Meia—4  
horas  
Reto X—Dr. José de Padua—4 horas  
Análises—Dr. Gabriela Bento—4 horas.

**PEDRAS PARA ISQUEIROS**  
Metal Auer, assim como todas as  
máquinas, tubos, molas, chaminés de 2 e  
3 peças, tampões. Vendem-se no Largo  
do Conde de Barcelos, n.º 53 e quiosque.  
Dirigidos por Francisco Pereira Lata  
e a casa que fornece em melhores con-  
dições.

**Companhia Nacional de Navegação**  
Para São Tomé, Loanda, Lobito e Mos-  
samedes, sairá no dia 10 do corrente, o va-  
por Cabo Verde. Para carga, trata-se na  
sede da Companhia, rua do Comércio, 85.

**ÀS MARCENEIROS**  
BAIXA DE PREÇOS  
Venda a dinheiro  
Noiteira seca, serrada em 25-55-  
75-90, desde 1.800\$00 m. 3  
Castanho seco, serrado em 25-  
55-75, desde 1.300\$00 m. 3  
Freixo seco, serrado em 25-55-  
75, desde 1.300\$00 m. 3  
Cedro . . . . . 25-55-75 . . . . . 700\$00 m. 3  
Urmo . . . . . 25-55-75 . . . . . 900\$00 m. 3  
Taboinha . . . . . 25-55-75 . . . . . 850\$00 m. 3  
Ilhada, desde . . . . . 860\$00 m. 3  
Guarnição, garras e 2 . . . . . 260 m. 3  
Guarnição soco e grade, desde . . . . . 1.200 m. 3  
Cimalhas freixo p.ª guarda-pra-  
tas, desde . . . . . 350 m. 3  
Balaustras c.ª 4-5-6-8-9, desde . . . . . 235 c. 3  
Maçanetas c.ª 1-2-3, desde . . . . . 120 c. 3  
Pés de amieiro c.ª 5-10-11-12-15 . . . . . 120 c. 3  
Colunas noqueira para guarda-  
pratas . . . . . 600 m. 3  
Colunas amieiro para guarda-  
pratas . . . . . 500 m. 3  
Talha completa para guarda-pra-  
tas e aparadores . . . . . 600 m. 3  
Talha completa para "toilettes"  
e banhos (formato) . . . . . 300 m. 3  
68—Campo dos Mártires da Pátria—68  
J. FERREIRA

## CONSELHO TECNICO

## DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de  
todos os trabalhos que digam res-  
peito à sua indústria, tais como:  
edificações, reparações, limpezas,  
construção de fornos em todos  
os gêneros, fazedores em todos  
os gêneros, fogões de sala, xa-  
drões, frentes para estabelecimentos  
e todos os trabalhos em cantarias  
e mármore de todas as prove-  
niências.

Telefone — 539 Trindade

Escritório:

Calçada do Combro, 38-A. 2.º

## CLINICA DO CHIADO

RUA GARRETT, 74, 1.º

TELEFONE C. 4185

## Doenças venéreas

Para as classes pobres. Das 12 às 14 h.

## FABRICA

de ladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento

**GOARMON & C.ª**

Travessa do Corpo Santo, 17 a 19

— TELEF. C. 1244—LISBOA —

## Pedras para isqueiros

METAL AUER, as melhores do  
mundo. Um milheiro, 2000. Por  
quiosques, grandes descontos. Isqueiros  
AUSTRIA E PORTUGAL, tubo largo,  
boa máquina, duzina 2200.  
Tubos fechados e abertos, tampões,  
bicos, molas, rodas d'oca e massas.  
Pedidos ao unico representante em  
Portugal: E. ESPINOSA, FILHO—  
Rua Andrade, 46, 2.º—LISBOA.

## Sociedade Urbana, Limitada

Para os devidos efeitos se anuncia que, por escritura de 1 de Setembro de 1925, lavrada nas notas do notário Tavares de Carvalho, desta cidade, foi notificado com adiamento de outros artigos o pacto da SOCIEDADE URBANA, LIMITADA, com sede e domicilio nesta cidade, tudo pela forma em termos seguintes:

O art. 1.º fica substituído pelo seguinte:  
"Art. 1.º—Esta sociedade adopta a denominação de "Sociedade Urbana, Limitada", e tem a sua sede em Lisboa, e domicilio na Alameda das Linhas de Torres, letras A, J, A, lojas."

O art. 2.º e seus §§ fica substituído pelo seguinte:  
"Art. 2.º—A sociedade será representada em juízo e fora dele, activa e passivamente por dois gerentes, que exercerão o cargo independentemente de caução, bastando a assinatura de um deles para a sociedade ficar obrigada. São desde já nomeados gerentes o sr. Joaquim Borges do Rego e a Companhia Agrária de Navegação e Pescarias."

O art. 9.º do pacto são aditados mais os seguintes artigos:  
"Art. 9.º—E' expressamente permitida a amortização de quotas dos sócios pela sociedade, pelo valor do seu desembolso e mais 10 % sem direito a qualquer outra percentagem ou quantia, ou necessidade de qualquer justificação, procedendo-se a essa amortização em assembleia dos sócios, e a amortização será feita nos termos e condições que a sociedade deliberar, nomeando dois sócios que outorguem a respectiva escritura de amortização e fazendo depositar na Caixa Geral dos Depósitos a importância da quota amortizada, acrescida dos supramentos se os houver, ou deduzida qualquer importância que o sócio cuja quota se amortiza deva à Sociedade."

Art. 12.º—Se qualquer dos sócios requerer e obtiver no tribunal a imposição de selos ou arrolamento dos bens sociais, poderá a sociedade amortizar imediatamente a quota do sócio ou sócios requerentes, nos termos do artigo anterior, e, em seguida, levantar os selos ou fazer cessar o arrolamento, se e quando expressamente se obrigarem todos os sócios para todos os efeitos legais."

Art. 12.º—As assembleias da sociedade serão convocadas por simples carta com a antecedência de 3 dias."

Art. 13.º—Em qualquer caso de dissolução excepto pela falência, quer seja judicial, quer seja extra judicial, será unicamente liquidatório o sócio que maior quota tiver."

O art. 10.º passo a ser o art. 14.º

Lisboa, 2 de Setembro de 1925.

O notário ajudante,  
Teodoro da Cunha

## Livraria de A BATALHA

## Obras de literatura, ciência e ensino

Abel Botelho—Amanhã	16\$00
Alexandre Hercolano	
O monge de Cister (2 vols. enc.)	29\$00
Lendas e Narrativas (2 volumes)	20\$00
Cartas (2 volumes)	20\$00
Adolfo Lima	
Contracto do Trabalho	20\$00
Educação e ensino	5\$00
Aquilino Ribeiro	
Anatole France	3\$00
Estrada de São Tiago	10\$00
Jardim das Tormentas	10\$00
V. Sinuosa	10\$00
Augusto de Sousa—Folhas perdidas (Fados)	10\$00
Bento Faria—Missa nova (teatro em verso)	1\$00
Binet-Sanglê—A loucura de Jesus	5\$00
Charles Darwin—Origem das espécies	14\$00
Campes Lima	
O Estado e a evolução do Direito	12\$00
O Amor e a Vida	5\$00
Buckner—O homem segundo a ciência	12\$00
Duarte Lopes	
Frei Sanguê	5\$00
Eça de Queiroz	
O crime do Padre Amaro	18\$00
O primo Basílio	16\$00
O Mandarim	8\$00
Os Malas (2 vols.)	28\$00
A Relíquia	15\$00
A Cidade e as Serras	12\$00
Fradique Mendes	9\$00
Casa Remires	15\$00
Prosa Barbares	15\$00
Ecos de Paris	9\$00
Cartas Familiares	9\$00
Cartas d'Inlaterra	9\$00
Minas de S. João	9\$00
Notas Contemporâneas	15\$00
Ultimas páginas	15\$00
Ernesto Haackel	
Historia da Criação	20\$00
Origem do Homem	4\$50
Os enigmas do universo	14\$00
Monismo	3\$50
Ritmo e evolução	4\$00
Faquet	
Iniciação filosófica	5\$00
Iniciação literária	10\$00
Faria de Vasconcelos	
Problemas escolares	5\$00
Por terras de além mar	5\$00
Ferreira de Castro—Sangue Negro	2\$50
F. Castro e E. Frias—A Boca da Estinção	8\$00
Flammarion	
Iniciação astronómica	5\$00
Contos de Inar	5\$00
Como acabou o mundo?	6\$50
Os habitantes dos outros mundos	3\$50
Felix le Dantec—As influências ancestrais	10\$00
Atismo	6\$00
Filial de Almeida	
Lisboa Guinote	10\$00
Estâncias de Arte e Saúde	9\$00
Contos	9\$00
A Esquina	9\$00
Aves Migradoras	9\$00
Barbear, Pentear	9\$00
Cidade do Vício	9\$00
Pasquinador	10\$00
País das Uvas	9\$00
Sabam quantos	9\$50
Vida Irónica	9\$00
Guerra Junqueiro	
A morte de D. João	10\$00
Musa em férias	9\$00
Os Simples	7\$00
A velhice do Padre Eterno (Encadernação de luxo)	13\$00
Brochoso	9\$00
Gorki	
Os Degenerados	5\$00
Os vagabundos	5\$00
Na Prisão	2\$50
Jaime Cortezão—Adão e Eva (teatro)	5\$00
Jorge Teixeira—Gatos de Luva Branca—A Essomalha (peças de teatro)	2\$50
Juliano Quintinha	
Vishnu do Mar	8\$00
Calvalhada do S.inho	8\$00
Terras de Fogo	8\$00
Plasent—Iniciação matemática	5\$00
Naivert—Ciência e Religião	10\$00
Olivera Martins	
Helenismo e a Civilização Cristã	15\$00
Historia da Civilização Ibérica	15\$00
Historia da República Romana (2 volumes)	30\$00
Historia de Portugal (2 vols.)	30\$00

Raça e Humanas (2 vols.)	30\$00
O Brasil e as Colónias Portuguesas	15\$00
Cartas Peninsulares	15\$00
Sistema dos meios e ficções religio- sas	15\$00
Orlando Marçal	
Agus claras	6\$00
Imagens de S.inho	1\$00
Spencer	
Da Educação (broc. 5\$00) encad.	8\$50
Raul Bandão	
Os pescadores	10\$00
Os Pobres	10\$00
O Teatro	8\$00
Victor Hugo	
França e B. lica	20\$00
O Reno (2 vols.)	12\$00
Os Miseráveis (2 grossos vols.) ilus- trados, encadernados	43\$00
Zola	
A Taberna	12\$00
Tereza Raquir	6\$00
Alegria de viver (1 vol.)	10\$00
A conquista de Plassans (2 vols.)	10\$00
Fecundidade	20\$00
A fortuna dos Rougons (2 vols.)	10\$00
Uma página de amor	9\$00
Dr. Pascal	10\$00
Zargame—origem da vida	7\$00

## Publicações sociológicas

—Organização Social Sindicalista	3\$00
Antonelli—A Rússia bolchevista	2\$00
St. Albert—O amor livre	5\$00
Dufour—O sindicalismo e a proxi- ma revolução (2 volumes)	10\$00
Emilio Bossi—Cristo nunca existiu	6\$00
Geo Williams—Relatório dos dele- gados do I. W. W. ao congresso da I. S. V. de Moscou	1\$00
Gladstair—A questão social do Bra- sil	1\$50
Gustavo le Bon	
As primeiras consequências da guerra	8\$00
Ensaios psicológicos da guerra europeia	8\$00
Leis psicológicas da evolução dos Povos (enc.)	6\$00
Guyau—Ensaio duma moral sem obrigação nem sanção	5\$00
Educação e Hereditariedade	4\$00
Hamon	
A conferência da paz e a sua obra	5\$00
As lições da guerra mundial	6\$00
O movimento operário da Gran- Bretanha	5\$00
Psicologia do socialista-anarquista	5\$00
A crise do Socialismo	5\$00
Henrique Leão—O Sindicalismo	4\$00
Heliodoro Salgado	
O culto da Imaculada	10\$00
Mentiras religiosas	3\$00
Jean Grave	
A sociedade Futura	5\$00
Anarquias, fins e meios	10\$00
O indivíduo e a sociedade	5\$00
Joseph J. Ettor—Unionismo indus- trial	5\$00
Julio Guesde—A lei dos salários	5\$00
Justus Ebert—Os I. W. W. na teo- ria e na prática	3\$00
Krapotkin	
A sociedade	5\$00
Anarquias, sua filosofia e seu ideal	1\$50
A Grande Revolução (2 vols.)	10\$00
A moral anarquista	5\$00
Os bandidos da Guerra	3\$00
O Estado e o seu papel histórico	1\$50
Lazare—A Liberdade	5\$00
N. Lénine—Os problemas do poder dos Soviets	1\$50
Landauer—A Social Democracia na Alemanha	5\$00
Manuel Ribeiro—Na linha de fogo	3\$00
Marx—O Capital	4\$00
Melchior Inchofer—Monarquia jesui- tica	3\$00
Nietzsche	
Anti-Cristo	5\$00
Genealogia da moral	5\$00
Neno Vasco—Ao Trabalhador Rural —Georgicas	3\$50
Concepção Anarquista do Sindica- lismo	3\$00
A greve dos inquilinos	1\$00
Novicov—A emancipação da mu- lher	4\$00
Patat e Pouget—Como faremos a revolução	5\$00
Perfeito de Carvalho—Notas e co- mentário	1\$50
Sebastião Faure—Doze provas da inexistência de Deus	1\$50
Tomás da Fonseca—Sermões da Montanha	10\$00
Tolstói—Sonata de Kreutzer	5\$00
Toulouse—Como se deve educar o espírito	5\$00





## Organização Social Sindicalista

(Estudo da Comissão Revisora de Teses para ser discutido no Congresso Confederal)

Confederal, à Internacional que mais esteja de harmonia com o ideal sindicalista revolucionário.

### G.—Congresso Confederal:

XXXIV—O Congresso Confederal é constituído por delegados de todos os órgãos e organismos confederados.

XXXV—Ao Congresso Confederal compete designadamente:

a) Discutir todos os pontos doutrinais e de filosofia social sindicalista e fixar e rever a carta constitutiva da Organização Social Sindicalista, marcando não só a respectiva orientação e o ideal a seguir e atingir, mas também os modos de constituição e os objectivos dos diversos agregados;

b) Discutir, fixar e rever os processos, meios e táticas empregados na luta de classes e quais os melhores a adoptar perante as circunstâncias e os ensinamentos emergentes dos resultados;

c) Rever e alterar ou reformar os estatutos da C. G. T. e apreciar os seus relatórios morais e financeiros;

d) Indicar a Internacional a que a Organização, pela sua C. G. T., deve aderir.

### H)—Corpos administrativos:

XXXVI—Todos os órgãos e organismos sociais sindicais mantêm a sua natural autonomia administrativa e sindical, de harmonia com os preceitos reguladores dos organismos a que tenham aderido, e bem assim de harmonia com os princípios básicos, doutrinais e práticos, fixados no Congresso Confederal, cujo organismo executivo é a C. G. T.

XXXVII—Todos os órgãos e organismos devem fazer parte integrante, directa ou indirectamente, da C. G. T. e subordinar a sua actividade e os seus movimentos especiais, de profissão, ofício ou indústria e locais, aos interesses solidários e fins comuns da organização social sindicalista.

XXXVIII—Os órgãos e organismos sindicais são responsáveis perante os organismos coordenadores da organização, pelos seus actos e bem assim pelos dos seus representantes ou delegados.

XXXIX—As deliberações sobre movimentos de luta, etc., carecem de prévio «referendum» favorável dos interessados e informados ou parecer da respectiva União e Federação de Indústria, quando as haja, e, não havendo nenhum destes organismos, da C. G. T.

XL—Todos os organismos sindicais têm uma organização interna tanto quanto possível idêntica; e a sua gerência é exercida por comissões, eleitas pela respectiva assembleia geral, que podem ser:

a) Comissão administrativa;

b) Comissão de propaganda e de resistência;

c) Comissão técnica e educadora.

XLII—A C. G. T., porém, divide-se em duas secções que são: Secção de Federações (compreendendo sindicatos nacionais, regionais e isolados) e Secção de Unões. Terá um secretariado composto de três membros, eleitos no Congresso Confederal, respectivamente: secretário da comissão administrativa da C. G. T., secretário da Secção de Federações e secretário da Secção de Unões.

XLIII—Para todos os cargos sindicais são elegíveis e eleitores todos os trabalhadores associados no respectivo órgão ou organismo, sem distinção de sexo.

Os mandatos são revogáveis a todo o tempo.

XLIV—Os cargos de secretários, tesoureiros, vogais, delegados, etc. dos órgãos e organismos sindicais devem ser exclusivamente desempenhados por indivíduos que exerçam de facto a respectiva indústria. Todo o indivíduo que passar a exercer outra profissão deve considerar-se *ipso facto* demitido das funções da sua antiga indústria.

XLV—Os delegados representam:

a) as necessidades económicas e sociais dos trabalhadores do seu grupo;

b) a capacidade técnica do seu grupo no conjunto produtor da respectiva fábrica, profissão, ofício ou indústria;

c) a fiel interpretação e expressão das aspirações sociais dos seus camaradas; e por isso devem:

intervir para que se cumpram exactamente os contratos, leis e regulamentos de trabalho, e protestar contra as injustiças que se cometem;

dar força de unidade, de fim e de acção solidária aos camaradas e reagir contra os maneios e intrigas separatistas, dos burgueses ou dos «amarelos»;

defender os camaradas contra os abusos e immoralidades dos patrões e dos mais factos;

procurar que as relações entre todos sejam cada vez mais fortemente solidárias;

esclarecer as ideias e mal-entendidos a fim de pôr em cõrpo a quaisquer motivos de divergências ou de lutas entre quem deve viver com completa e perfeita harmonia; e

chamar a atenção e interessar os camaradas não só acerca dos aperfeiçoamentos técnicos e económicos da respectiva profissão ou indústria, mas também acerca dos vários problemas de ordem social e respectivas evoluções.

### PROPAGANDA SINDICAL

#### Uma importante sessão no sindicato dos Rurais de Souzel

SOUZEL, 1.—Com a assistência dum delegado da C. G. T., reuniu-se no respectivo sindicato os trabalhadores rurais desta localidade, em assembleia que foi presidida pelo camarada Joaquim Tarrula e secretariado por Mário Ribeiro e Manuel Menair. Depois do presidente expor os fins da reunião se referiu à pouca vitalidade da juventude sindicalista, quando foi necessária se tornava a sua acção no movimento operário. Ocupou-se a seguir das deportações de operários para a Guiné, apresentando uma moção, que noutro lugar publicamos.

Seguiu-se no uso da palavra Joaquim Tarrula que largamente se ocupou da crise de trabalho e seus efeitos na situação dos trabalhadores.

Pelos rurais de Cano falou Joaquim Carilho que abordou o problema dos serviços da mulher na agricultura, considerando a colaboração da mulher nesses serviços como nociva aos interesses dos trabalhadores.

José dos Proveitos, dos rurais de Extremoz, referiu-se à influência dos políticos-comunistas no Sindicato de que faz parte, razão porque deixa de fazer parte dele para ingressar no sindicato de Souzel.

Por último usou da palavra Artur Aleixo de Oliveira, delegado da C. G. T., que durante largo tempo prendeu a atenção da assembleia com uma interessante exposição de sindicalismo que muito agradou.

O orador defendeu em seguida a adesão do Sindicato de Souzel ao Congresso Rural e Confederal, sendo a ideia muito bem aceite.

Antes de encerrar a sessão foi aberta uma queira a favor de José Memória, que rendeu 19\$80, e aprovada a moção que segue:

«Considerando que os agricultores estão provocando uma crise de trabalho, lançando assim na miséria inúmeros trabalhadores e suas famílias;

Considerando que as autoridades competentes não têm tomado as medidas necessárias para remediar a situação;

Os trabalhadores rurais de Souzel, resolvem:

1.º Que a classe se unifique dentro do seu sindicato profissional, reunindo sempre que se julgue conveniente;

Reclamar do governo contra os terrenos incultos e bem assim a colocação dos trabalhadores sem trabalho, que nos trabalhos da agricultura, que nos serviços públicos, como reparação de estradas, etc.

2.º Nomear uma comissão que porá em prática as resoluções desta assembleia».—E.

## Congresso Confederal

### Uma sessão de propaganda em Fronteira A adesão do sindicato rural

FRONTEIRA, 30.—Na sede da Associação de Classe dos Trabalhadores Rurais de esta vila, efectuou-se uma sessão de propaganda do Congresso Confederal.

A sessão esteve fartamente concorrida, vindo-se na rua uma imensa multidão, que em frente da sede do sindicato diligenciava ouvir.

Vários rurais usaram da palavra, referindo-se à crise de trabalho que assobinha a sua classe, esgotando-se o proceder dos lavradores que diariamente lançam inúmeros trabalhadores na inactividade, apelando para a unificação da classe, única forma de opor uma barreira aos maneios dos lavradores.

Seguidamente o delegado da C. G. T. referiu-se à próxima realização do Congresso Confederal, demonstrando a conveniência do sindicato se fazer representar nele.

Aprovou-se uma moção dando a adesão ao referido congresso e nomeando delegado João Barroso.

Em face da grande assistência o delegado da C. G. T. realizou a seguir uma sessão de propaganda sindical, analisando as causas da crise de trabalho e aconselhando a classe a manter-se firme em volta do seu sindicato, para cuidar, com eficiência, da defesa dos seus interesses.—E.

### Lede o Suplemento de «A Batalha»

## Os sindicatos marítimos do Porto cortaram relações com os dirigentes da Federação Marítima, mantiveram a adesão à C. G. T. e fundaram a União dos Trabalhadores Marítimos e Fluviais da Região Portuguesa

PORTO, 30.—A convite da Delegação Federal Marítima do Norte, efectuou-se sexta-feira passada, na sede da Associação dos Barqueiros e Fragateiros do Rio Douro, uma importante reunião das classes marítimas do Porto, Gaia e Leixões, e respectivos militantes das mesmas corporações.

Pelas 21 horas, Alvaro da Silva, depois de explicar qual o verdadeiro fim da reunião, lê a seguinte ordem dos trabalhos:

1.º—Apreciar uma circular da Federação Marítima sobre o corte de relações com a C. G. T.;

2.º—Apreciar um ofício da Federação sobre o delegado assalariado;

3.º—Apreciar a decadência da Delegação;

A mesa é constituída da seguinte maneira: presidente, Júlio Rodrigues, dos Barqueiros e Fragateiros; secretários: Manuel Gomes de Matos e Eduardo Vasco da Silva, respectivamente dos Marítimos da Foz do Douro e dos Oficiais da Marinha Mercante Portuguesa.

O presidente apela para que todos os presentes se conduzam nas discussões com a máxima serenidade, o que não quer dizer que os marítimos do norte não se pronunciem com desassombro, mas conscientemente, sobre os graves assuntos que se vão debater.

A seguir são lidas as credenciais, que dão este resultado:

Pelos Barqueiros e Fragateiros do Rio Douro, Joaquim Rodrigues de Oliveira, Júlio Rodrigues, Isalino da Silva Almeida e Alvaro da Silva; pelos Marinheiros e Moços da Marinha Mercante, David de Sousa; Carregadores e Descarregadores de Mar e Terra do Porto e Gaia, Indício Teixeira Bastos, Manuel J. de Sousa e Rodrigo Macedo; Marítimos da Foz do Douro, Manuel Gomes de Matos, José Pereira, Joaquim Ferreira, Henrique Piedade e Joaquim do Carmo Moreira da Costa; Marítimos de Leixões, Manuel da Costa e José Modesto; Fogueiros de Mar e Terra, Florêncio Meireles de Matos e Joaquim dos Santos Pessanha; e Oficiais da Marinha Mercante, Eduardo Vasco da Silva.

Joaquim do Carmo, uma vez iniciada a discussão, pergunta se não existe uma circular da C. G. T. referente ao assunto do corte de relações da F. M. e requer que Alvaro da Silva, da Delegação Federal Marítima do Norte, dê explicações acerca da mesma questão e sobre o motivo de, junto com o expediente, não se encontrar a citada circular.

Teixeira Bastos pergunta também se a Delegação Confederal não foi convidada a assistir a esta tão magna reunião.

Depois de Alvaro da Silva responder negativamente, Joaquim do Carmo diz que, de facto, a Delegação Confederal não tinha que ser convidada, visto que também o não fora a F. M. Em nome do Sindicato que representa não concordaria com tal convite se ele, por ventura, o tivesse sido feito. Não queria que amanhã dissessem que os marítimos do norte tomavam uma resolução qualquer coagidos por pressões «estranhas». Assim, ressaltavam-se as especulações de quem nelas tem interesse.

Alvaro da Silva, em nome da direcção dos Barqueiros e Fragateiros, oferece uma circular da C. G. T. que tinha em seu poder, a fim de que ela seja devidamente apreciada em conjunto com a da Federação Marítima.

A assembleia, porém, reconhece que a própria circular da F. M. explica, nas suas entrelinhas gerais, a completa razão que assiste do lado da C. G. T., pelo que, unanimemente, dispensa a circular da C. G. T.

Alvaro da Silva faz uma sucinta história do que se tem passado entre a Delegação e os dirigentes da F. M., os quais tem procedido arditamente, procedendo onde a sua boa fé nem sempre foi respeitada. Por todas as razões, e ainda aos maneios divisionistas postos em prática pelos actuais «orientadores» da F. M. ele declara-se, leal e francamente, pela C. G. T. e contra os scissionistas, os dirigentes da F. M., que pretendem destruir a actual organização operária.

José Pereira, dos Marítimos da Foz do Douro, alonga-se na perniciosa acção defecista «tendenciosamente levada a cabo pelos dirigentes da F. M. com convicção, por vezes com entusiasmo, faz uma larga defesa da C. G. T. e dos seus princípios básicos, condenando enérgicamente os seus detractores.

Manuel Gomes de Matos defende igualmente, num empolgante discurso, os princípios sindicalistas baseados no autonomismo político e federalismo—segundo-se na mesma ordem de ideias revolucionárias os camaradas Indício Teixeira Bastos, David de Sousa e outros.

Joaquim do Carmo faz uma larga exposição do que foi o Congresso Marítimo de Matosinhos e o que tem, desde então, feito os moscovistas. Alude ao facto dos ditadores da F. M. já demonstrarem, no Congresso de Aveiro, o seu sofístico procedimento com a colocação do label federal ao lado esquerdo do da C. G. T.

A sua recente «atitude tomada perante a C. G. T. veio completar a obra nefasta e fazer cair a máscara. Criticada, pormenorizadamente, a acção alveiosa dos maus orientadores da F. M., refere-se, sucessivamente: à Internacional dos Trabalhadores; ao procedimento da F. M. para com o delegado geral assalariado da Delegação Marítima do Norte; ao facto dos moscovistas quererem absorver tudo dentro dos limites da capital de Moscú; à votação, no Congresso de Aveiro, dos sindicatos pela Internacional de Berlim ou de Moscú e à «compra» de votos para a última Internacional Sindical Política, sobressaindo-se José de Almeida nesta galopante.

Depois de mais algumas considerações atinentes a denunciar os verdadeiros propósitos políticos dos dirigentes divisionistas da F. M., lê a seguinte moção, que é escutada atentamente:

«As direcções dos Sindicatos Marítimos e Fluviais do Porto, Gaia e Leixões, reunidas para apreciarem a insólita atitude dos actuais dirigentes da Federação Marítima para com a Confederação Geral do Trabalho—considerando:

### CARTA DO PORTO

## Os sindicatos marítimos do Porto cortaram relações com os dirigentes da Federação Marítima, mantiveram a adesão à C. G. T. e fundaram a União dos Trabalhadores Marítimos e Fluviais da Região Portuguesa

que só o provado desejo de destruir a organização operária levou os dirigentes da Federação Marítima a cortarem as relações com a Confederação Geral do Trabalho;

que já no Congresso corporativo de Aveiro se manifestou claramente esse desejo por parte dos mesmos elementos que agora levaram uma parte da organização marítima a um gesto irreflexivo, proclamando a sua própria destruição;

que este procedimento em nada se coaduna com as necessidades dos trabalhadores organizados, mais parecendo uma recomendação dos naturais inimigos da organização operária—à burguesia e os governantes;

que a maior preocupação dos actuais dirigentes da Federação Marítima se resume no propósito sistemático de caluniar os militantes verdadeiramente revolucionários e, por via de regra, a organização operária sindicalista autonomista e federalista, procurando, *à outrance*, o seu esmagamento;

que as classes marítimas do norte sempre procuraram contribuir para a unificação dos trabalhadores;

que as classes marítimas desta mesma região quando aderiram à Confederação Geral do Trabalho já de igual modo este organismo tinha aderido à Associação Internacional dos Trabalhadores; provando-se, por este facto, a concordância destas classes com a referida Internacional;

que a abstenção de assuntos internacionais, no Congresso Marítimo de Aveiro, por parte de algumas classes do norte em nada prejudicou a matéria do anterior considerando, podendo até ser levado à conta de bem servir a causa da unificação dos trabalhadores;

que as direcções dos sindicatos marítimos do norte não podem, sem o seu mais veemente protesto, consentir que mal intencionados procurem destruir, não só a organização marítima, mas ainda a restante organização operária;

que aos processos divisionistas dos falsos revolucionários se deve opor uma forte resistência, quer desmascarando-os, quer ligando em fraternais laços de solidariedade de todos os trabalhadores organizados;

que se reconhece a imprescindível necessidade da criação dum organismo que sirva de ligação e orientação das classes marítimas que se manifestaram contra os destruidores da organização marítima e fluvial;

que os actuais dirigentes da Federação Marítima, julgando-se em terreno conquistado, traíram provavelmente as resoluções do Congresso Marítimo de Aveiro;

que, por este facto, as classes do norte se encontram desobrigadas dos compromissos no referido Congresso tomados;

que as consequências que de futuro possam advir para a Organização Marítima são, única e inteiramente, da responsabilidade dos actuais dirigentes da Federação Marítima;

finalmente: que os trabalhadores só alcançarão a sua integral emancipação se agirem livres de todos os partidos, grupos ou facções políticas e seguirem o caminho recto do sindicalismo revolucionário e com os olhos fitos nos princípios ideológicos do sublime ideal libertário;

resolvem:

1.º Protestar enérgicamente contra o criminoso procedimento dos causadores da atitude tomada por uma parte do conselho federal da Federação Marítima contra a Confederação Geral do Trabalho;

2.º Cortar, a partir deste momento, toda a espécie de relações com os actuais dirigentes da Federação Marítima, considerando-os perniciosos à legítima causa dos trabalhadores;

3.º Manter, intransigentemente, a matéria do n.º 2.º enquanto persistir este estado

de coisas que, mau grado nosso, nos foi cou a semelhante atitude de consciente rebeldia;

4.º Saudar efusivamente todos os trabalhadores marítimos de Portugal, desejando ardentemente que se emancipem dos «donos» da sua organização e falsos «apóstolos» proletários, despertando, desta maneira para a verdadeira vida revolucionária;

5.º Patentear à C. G. T. a mais franca e leal solidariedade das classes marítimas e fluviais do Porto, Gaia e Leixões, continuando aderentes e portanto, a gastar, para os devidos efeitos, o seu expediente de co-brança;

6.º Criar imediatamente a União dos Trabalhadores Marítimos e Fluviais, a qual terá, até ao congresso ou conferência que se deverá realizar no mais curto prazo de tempo, atribuições administrativas, de propaganda, de orientação e ainda de unificação de todas as classes marítimas que concordem com a matéria deste documento;

7.º Dissolver imediatamente a actual delegação federal marítima do norte, passando todos os seus haveres, dinheiro, etc., para a posse da União criada pelo n.º 6;

8.º pagar para a referida União a quantia de um escudo e vinte centavos por mês e por cada marítimo, ficando este organismo com os encargos que lhe são atribuídos no referido n.º 6 e ainda os de pagar a cota para a C. G. T., U. S. O. e para a publicação mensal dum jornal que será distribuído gratuitamente aos marítimos unificados e terá por título «A Voz Marítima»;

9.º Aderir ao Congresso Confederal, marcando que cada classe deve enviar 1 ou 3 delegados, sendo a União também aderente e enviando ao mesmo Congresso, com voto consultivo, um delegado, o qual terá também por missão entender-se com os delegados marítimos que nesse congresso se encontrarem;

10.º Que a comissão administrativa reúna ordinariamente uma vez cada semana e extraordinariamente tantas quantas vezes julgue conveniente;

11.º Que cada classe nomeie dois delegados que constituirão o conselho da União, o qual deverá reunir ordinariamente uma vez cada mês e extraordinariamente tantas quantas vezes se entender de utilidade».

Este documento era assinado pelos seguintes representantes de organismos:

Manuel Gomes de Matos, José Pereira, Joaquim Ferreira, Henrique Piedade e Joaquim do Carmo Moreira da Costa, dos Marítimos da Foz do Douro; Florêncio Meireles de Matos e Joaquim dos Santos Pessanha, dos Fogueiros de Mar e Terra; David de Sousa e Júlio, dos Marinheiros e Moços da Marinha Mercante; Eduardo Vasco da Silva, dos Oficiais da Marinha Mercante, delegação do Porto; Manuel da Costa e José Modesto, dos Marítimos de Leixões; Joaquim R. de Oliveira, Alvaro da Silva e Isalino da Silva Almeida, dos Barqueiros e Fragateiros; e Indício Teixeira Bastos, Manuel J. de Sousa e Rodrigo Alves Macedo, dos Carregadores e Descarregadores de Terra e Mar do Porto e Gaia.

Unanimemente aprovada a moção, é nomeada a comissão administrativa do novo organismo, que fica assim constituída:

Joaquim do Carmo, secretário geral, por indicação do delegado dos Marítimos de Leixões; David de Sousa, secretário adjunto; Eduardo Vasco da Silva, secretário administrativo; Indício Teixeira Bastos, tesoureiro; e José Modesto, vogal.

Esta reunião terminou depois das 24 horas e após tratados outros assuntos, entre eles o facto da resolução tomada na capital de não se deixar trabalhar ali; isto é, embarcar sócios do Sindicato dos Marinheiros e Moços do Porto.

Reuniram-se os carpinteiros filiados na sua secção profissional do S. U. C. Civil, para apreciar o movimento dos carpinteiros navais, resolvendo que os carpinteiros de branco não executem trabalho que não seja da sua especialidade, desejando a breve solução do conflito.

Reuniram-se os carpinteiros navais, resolvendo que os carpinteiros de branco não executem trabalho que não seja da sua especialidade, desejando a breve solução do conflito.

Reuniram-se os carpinteiros navais, resolvendo que os carpinteiros de branco não executem trabalho que não seja da sua especialidade, desejando a breve solução do conflito.

Reuniram-se os carpinteiros navais, resolvendo que os carpinteiros de branco não executem trabalho que não seja da sua especialidade, desejando a breve solução do conflito.

Reuniram-se os carpinteiros navais, resolvendo que os carpinteiros de branco não executem trabalho que não seja da sua especialidade, desejando a breve solução do conflito.

de coisas que, mau grado nosso, nos foi cou a semelhante atitude de consciente rebeldia;

4.º Saudar efusivamente todos os trabalhadores marítimos de Portugal, desejando ardentemente que se emancipem dos «donos» da sua organização e falsos «apóstolos» proletários, despertando, desta maneira para a verdadeira vida revolucionária;

5.º Patentear à C. G. T. a mais franca e leal solidariedade das classes marítimas e fluviais do Porto, Gaia e Leixões, continuando aderentes e portanto, a gastar, para os devidos efeitos, o seu expediente de co-brança;

6.º Criar imediatamente a União dos Trabalhadores Marítimos e Fluviais, a qual terá, até ao congresso ou conferência que se deverá realizar no mais curto prazo de tempo, atribuições administrativas, de propaganda, de orientação e ainda de unificação de todas as classes marítimas que concordem com a matéria deste documento;

7.º Dissolver imediatamente a actual delegação federal marítima do norte, passando todos os seus haveres, dinheiro, etc., para a posse da União criada pelo n.º 6;

8.º pagar para a referida União a quantia de um escudo e vinte centavos por mês e por cada marítimo, ficando este organismo com os encargos que lhe são atribuídos no referido n.º 6 e ainda os de pagar a cota para a C. G. T., U. S. O. e para a publicação mensal dum jornal que será distribuído gratuitamente aos marítimos unificados e terá por título «A Voz Marítima»;

9.º Aderir ao Congresso Confederal, marcando que cada classe deve enviar 1 ou 3 delegados, sendo a União também aderente e enviando ao mesmo Congresso, com voto consultivo, um delegado, o qual terá também por missão entender-se com os delegados marítimos que nesse congresso se encontrarem;

10.º Que a comissão administrativa reúna ordinariamente uma vez cada semana e extraordinariamente tantas quantas vezes julgue conveniente;

11.º Que cada classe nomeie dois delegados que constituirão o conselho da União, o qual deverá reunir ordinariamente uma vez cada mês e extraordinariamente tantas quantas vezes se entender de utilidade».

Este documento era assinado pelos seguintes representantes de organismos:

Manuel Gomes de Matos, José Pereira, Joaquim Ferreira, Henrique Piedade e Joaquim do Carmo Moreira da Costa, dos Marítimos da Foz do Douro; Florêncio Meireles de Matos e Joaquim dos Santos Pessanha, dos Fogueiros de Mar e Terra; David de Sousa e Júlio, dos Marinheiros e Moços da Marinha Mercante; Eduardo Vasco da Silva, dos Oficiais da Marinha Mercante, delegação do Porto; Manuel da Costa e José Modesto, dos Marítimos de Leixões; Joaquim R. de Oliveira, Alvaro da Silva e Isalino da Silva Almeida, dos Barqueiros e Fragateiros; e Indício Teixeira Bastos, Manuel J. de Sousa e Rodrigo Alves Macedo, dos Carregadores e Descarregadores de Terra e Mar do Porto e Gaia.

Unanimemente aprovada a moção, é nomeada a comissão administrativa do novo organismo, que fica assim constituída:

Joaquim do Carmo, secretário geral, por indicação do delegado dos Marítimos de Leixões; David de Sousa, secretário adjunto; Eduardo Vasco da Silva, secretário administrativo; Indício Teixeira Bastos, tesoureiro; e José Modesto, vogal.

Esta reunião terminou depois das 24 horas e após tratados outros assuntos, entre eles o facto da resolução tomada na capital de não se deixar trabalhar ali; isto é, embarcar sócios do Sindicato dos Marinheiros e Moços do Porto.

Reuniram-se os carpinteiros filiados na sua secção profissional do S. U. C. Civil, para apreciar o movimento dos carpinteiros navais, resolvendo que os carpinteiros de branco não executem trabalho que não seja da sua especialidade, desejando a breve solução do conflito.

Reuniram-se os carpinteiros navais, resolvendo que os carpinteiros de branco não executem trabalho que não seja da sua especialidade, desejando a breve solução do conflito.

Reuniram-se os carpinteiros navais, resolvendo que os carpinteiros de branco não executem trabalho que não seja da sua especialidade, desejando a breve solução do conflito.

Reuniram-se os carpinteiros navais, resolvendo que os carpinteiros de branco não executem trabalho que não seja da sua especialidade, desejando a breve solução do conflito.

Reuniram-se os carpinteiros navais, resolvendo que os carpinteiros de branco não executem trabalho que não seja da sua especialidade, desejando a breve solução do conflito.

Reuniram-se os carpinteiros navais, resolvendo que os carpinteiros de branco não executem trabalho que não seja da sua especialidade, desejando a breve solução do conflito.

Reuniram-se os carpinteiros navais, resolvendo que os carpinteiros de branco não executem trabalho que não seja da sua especialidade, desejando a breve solução do conflito.

Reuniram-se os carpinteiros navais, resolvendo que os carpinteiros de branco não executem trabalho que não seja da sua especialidade, desejando a breve solução do conflito.

Reuniram-se os carpinteiros navais, resolvendo que os carpinteiros de branco não executem trabalho que não seja da sua especialidade, desejando a breve solução do conflito.

Reuniram-se os carpinteiros navais, resolvendo que os carpinteiros de branco não executem trabalho que não seja da sua especialidade, desejando a breve solução do conflito.

Reuniram-se os carpinteiros navais, resolvendo que os carpinteiros de branco não executem trabalho que não seja da sua especialidade, desejando a breve solução do conflito.

Reuniram-se os carpinteiros navais, resolvendo que os carpinteiros de branco não executem trabalho que não seja da sua especialidade, desejando a breve solução do conflito.

Reuniram-se os carpinteiros navais, resolvendo que os carpinteiros de branco não executem trabalho que não seja da sua especialidade, desejando a breve solução do conflito.

Reuniram-se os carpinteiros navais, resolvendo que os carpinteiros de branco não executem trabalho que não seja da sua especialidade, desejando a breve solução do conflito.

Reuniram-se os carpinteiros navais, resolvendo que os carpinteiros de branco não executem trabalho que não seja da sua especialidade, desejando a breve solução do conflito.

Reuniram-se os carpinteiros navais, resolvendo que os carpinteiros de branco não executem trabalho que não seja da sua especialidade, desejando a breve solução do conflito.

Reuniram-se os carpinteiros navais, resolvendo que os carpinteiros de branco não executem trabalho que não seja da sua especialidade, desejando a breve solução do conflito.

Reuniram-se os carpinteiros navais, resolvendo que os carpinteiros de branco não executem trabalho que não seja da sua especialidade, desejando a breve solução do conflito.

Reuniram-se os carpinteiros navais, resolvendo que os carpinteiros de branco não executem trabalho que não seja da sua especialidade, desejando a breve solução do conflito.

Reuniram-se os carpinteiros navais, resolvendo que os carpinteiros de branco não executem trabalho que não seja da sua especialidade, desejando a breve solução do conflito.